



O desenvolvimento cerâmico na cultura guarani.

Franklin da Silva Alonso¹

Submetido em Agosto/2012

Aceito em Fevereiro/2013

RESUMO:

O presente trabalho responde a uma pesquisa condizente a etno-historiografia cerâmica no grupo Guarani que vem sendo realizada pelo autor desde o último semestre de 2010. Configura-se como um rápido levantamento de dados etnológicos tanto pré-cabralinos quanto históricos desse grupamento focados sobre a materialidade do objeto telúrico. Outrossim, busca denotar a necessidade funcional e mítica para os seus componentes nele observadas, traçando uma linha discorrida por essa precisão e algumas conseqüências espelhadas também segundo os contatos inter-étnicos estabelecidos com o tempo.

Palavras-chave: arte – cerâmica – arqueologia – índios – Guarani.

ABSTRACT:

This paper responds to a search conducive to ethno-historiography ceramic Guarani group that has been conducted by the author since the last half of 2010. Set up as a quick survey of ethnological data both pre-historic cabralinos as this grouping focused on the materiality of the object telluric. Also, search denote the need for functional and mythical components therein observed, studied by drawing a line that accurately mirrored some consequences and also according to the inter-ethnic contacts established over time.

Keywords: art – ceramics – archeology – Indians – Guarani.

1) Desenvolvimento.

1.1 O gênese pré-histórico Guarani.

Antes mesmo de focarmos nossa atenção sobre o grupo Guarani, é preciso que se entenda que ele foi (e ainda é) participante de uma identidade indígena maior nominada pelos estudiosos como Tronco Tupi. Este, por sua vez, tem – principalmente – aspectos lingüísticos comuns apresentados que o determina agregador de diversos ajuntamentos incolos heteróclitos. Uma grande comunidade que peregrinaria no passado em levas

¹ Graduado em Educação Artística, Habilitação em História da Arte pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro em 2005. Atual mestrando em Artes Visuais: Arte, Cognição e Cultura pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro sob orientação da Professora-Doutora Isabela do Nascimento Frade. E-mail para contato: carvalonso@ig.com.br



humanas por toda a América do Sul e que deixaria em cada paragem, vários indícios materiais de sua existência.

Dentre os diversos dialetos existentes, o Tronco lingüístico Tupi apresenta a fala Tupi-Guarani que é ainda hoje usada pela congregação indígena primordialmente assentada anteriormente nas áreas florestais tropical e subtropical nos meridianos das Américas.

Quanto a seu gênese, afirmaria o Professor-Doutor em História Pedro Augusto Mentz Ribeiro que “A tradição Tupiguarani tem sua origem na Amazônia. Alcançou o sul do Brasil no primeiro século após o nascimento de Cristo e resistiu até o século XIX...” (MENTZ RIBEIRO, 2008, p. 179). Nesse contexto local e temporal é que a expressão telúrica far-se-ia impressa na constituição representativa de diversos grupos participantes da família Tupi-Guarani.

É cabível que aqui se atente a informação de que a denominação atribuída aos paleo-índios por Tupi-Guarani é, em sua base referenciada a questão lingüística, o que não anula a sua disposição de uso também em termos gerais de cultura e de seus construtos materiais decorrentes, tal qual o evento da cerâmica. Que se registre a ocorrência de haver uma terminologia estipulada na arqueologia condizente à tradição ceramista Tupiguarani (sem o uso do hífen). Isso porque, é necessário quando se for fazer referência a tal atributo poder diferenciá-la do próprio tronco lingüístico homônimo (Tupi-Guarani). Assim, a nomenclatura Tupiguarani é aqui relativa a questões do trato com o barro e o termo Tupi-Guarani engloba todo o universo lingüístico, de costumes, de rituais e mesmo de aspectos tecnológicos – no qual, invariavelmente, a cerâmica também está imersa.

Ora, os contatos trocados com outros grupos humanos e a aquisições de novas tecnologias daí derivadas (por trocas e/ou por invenção) favoreceram o fortalecimento Guarani na região sul dos meridianos americanos, sobrepujando em eficácia e em aparatos metodológicos de sobrevivência às demais hordas humanas ali existentes. Criar-se-ia assim uma relação de domínio político porque não eram muitas as populações humanas que conviviam simultaneamente nessa faixa territorial a leste dos Andes e, igualmente, a norte dos pampas.



Use-se como exemplo a região sul brasileira – em até 4.000 BP nos abrigos do atual território do Rio Grande do Sul –, onde se detecta a proeminência de uma cultura material pré-cerâmica dedicada à feitura de instrumentos ósseos polidos e pontas de flechas. Gradativamente o uso de tais objetos vão desaparecendo no cotidiano do grupo (exceto nos rituais de enterramento) e dão lugar ao surgimento técnico de boleadeiras – uma arma de arremesso. Finalmente, na “... (fase Rio Pardinho, já na nossa era) há traços de aculturação com as tradições regionais Humaitá (sem cerâmica) e Tupiguarani (ceramistas)” (PROUS, 1992, pp. 145, 155). Por seu relato balizado em dados materiais, diz que pode haver sucedido então a fricção inter-étnica dos grupos diferenciados, trazendo consigo uma conseqüente evolução técnica-cultural.

Ademais, o Professor-Doutor em História Pedro Augusto Mentz Ribeiro também alerta-nos quanto à aparência desse material cerâmico Tupiguarani migrante dos antigos sítios amazônicos rumo a toda a extensão territorial hoje brasileira. Este apresentaria técnica de confecção acordelada, com antiplástico arenoso, argiloso ou de cerâmica triturada, com mau cozimento ou mesmo incompleto. Fala-nos também sobre a forma dos vasos (esféricas, meio-esféricas e cônicos), sobre o tratamento interno/externo de sua superfície, tipos plásticos decorativos (onde há um alisamento mediano na parede interna enquanto que na parte externa, além do alisamento simples tem variados tipos de decoração plástica – corrugado, corrugado-ungulado, ungulado, escovado, engobes coloridos, etc.), além de uma atenção voltada aos seus diâmetros e grossura das paredes em que o tamanho vai de 4 cm a 95 cm de diâmetro no gargalo e espessura de parede variável entre 3 e 37 mm (MENTZ RIBEIRO, 2008).

De modo generalizante é característica das vasilhas cerâmicas Tupiguarani morfologicamente demonstrar uma “... borda reforçada típica e um fundo redondo...”, onde, além do mais “... Quando pintadas, recebem uma decoração linear de cor escura (vermelha, marrom ou preta) aplicada com um pincel sobre um fundo branco.” (PROUS, 2007, p. 89). Dentro dessa tipologia macroscópica de forma e decoração dos potes cerâmicos Tupiguarani, esse mesmo autor distinguiria ainda haver à época dois conjuntos de distribuição geográficos, o Proto-Tupi e o Proto-Guarani. Eles se distinguiriam no estilo e motivos decorativos (plástico e/ou pintado) de suas formas cerâmicas (idem, 2007).



Nosso estudo volta-se em atenção ao grupo Proto-Guarani que, nas análises de Prous, demonstrava fabricar recipientes determinados, com modelagem decorativa de inserção plástica ou pintada. O cientista alegaria que a decoração pintada sofria alguma reserva de elaboração em detrimento daquela que fosse moldada, quando

[...] Fabricavam enormes urnas de ombros escalonados e morfologia complexa, com até um metro de diâmetro, e a maioria dos potes apresenta uma cuidadosa decoração plástica que provoca jogos de sombra e de luz [...] (ibidem, 2007, p. 88).

A função dos vasos cerâmicos nessa tradição cultural ainda não foi plenamente esclarecida, mas presume-se que eram dedicados tanto ao uso utilitário quanto ao usufruto cerimonial, dependendo do seu tamanho, incisões e pintura averiguados. Os arqueólogos Fernando La Salvia e José Proenza Brochado acolheriam a idéia de que a peça cerâmica seria dependente da necessidade do grupo estudado, afinal, a cultura específica de cada grupo formado é que determinaria o que é útil ou não a ele, tanto quanto os padrões estéticos aceitos em seu meio.

1.2 Cisão no grupo Proto-Guarani.

Quando a Professora-Doutora em antropologia Alcida Rita Ramos avalia essa época em que já haviam homens em fase ceramista naquela larga área de ação meridional sul-americana (participantes da linhagem cultural Tupi-Guarani), afirmaria que dentre alguns grupos indígenas ali viventes já se caracterizava a presença do “... complexo sistema inter-étnico de estratificação social... Guaikurú ou Mbayá... criadores de gado e de cavalos...” que demonstravam, por sua vez, ter “... supremacia política sobre uma vasta região, mantendo subordinados outros grupos indígenas, agricultores...”. Dentro dessa perspectiva, as “... Suas incursões guerreiras resultavam na captura de prisioneiros de ambos os sexos, que eram então incorporados as comunidades Guaikurú...” (RAMOS, 1988, p. 17).

Ora, admitir no seio do núcleo de constituição do paleo-índio Guarani alguns partícipes alienígenas a ele foi um provável item promovedor de gradual incorporação



de elementos culturais inovadores que proporcionou, com o decorrer dos tempos, em algumas configurações internas distintas. Casamentos inter-grupais, invasões territoriais com aquisição de despojos e prisioneiros cativos, escambos, etc., muito contribuíram para essa tomada paulatina de mudanças adquiridas.

Condizente a isso, Brochado e La Salvia dir-nos-iam que, nesse processo de assimilação do outro, o grupo nativo poderia se vincular, mas perdendo parte da sua identidade ou só trocar informes entre si e donde fluiria possíveis novas técnicas que poderiam se sobrepor àquelas suas tradicionais (LA SALVIA e BROCHADO, 1989).

Portanto, estando essas assembléias humanas tão próximas umas das outras em um contato e entrosamento agora constantes, facilitar-se-ia a cooptação e adesão de novos hábitos pelas greis, o que distinguiria ser a

[...] relação entre grupos fronteiros bastante significativa e a penetração dos dados culturais dentro da cultura dar-se-á de forma lenta, embora sua presença e utilização seja do conhecimento do grupo maior. (idem, 1989, p. 74).

Assim, apesar das grandes similitudes existentes, as feições gradativamente inseridas no grupo Proto-Guarani durante o sorvimento e inter-relações *de* e *com* novos compartimentos diferenciaram-se entre si o suficiente para criar uma posterior necessidade de decisão do bloco original em outros três subgrupos menores: Nandéva, Mbuá e Kayová.

É claro que, a esse fenômeno estiveram assomados dados variados como os do crescimento populacional incompatível com as áreas existentes para a sobrevivência de todos aqueles homens. Entretanto, as hipóteses para a sua migração ganham mais propriedade quando não deixamos de considerar nesse contexto o fator mítico envolvido nas romarias Tupi-Guarani em busca do seu “éden terrestre”. Estes informes são plausíveis de consideração quando analisada a ocorrência gradual das discrepâncias tecnológicas existentes então entre os atuais subgrupos Guarani (na qual lista-se o elemento cerâmico), as desconexões ideacionais e até mesmo lingüísticas, sendo favorecedores na busca de outras localidades capazes de sustentar e oportunizar um bem-viver às novas famílias formadas.

1.3 Colonização dos meridianos americanos: missões jesuíticas.



Da chegada do homem proto-histórico as terras baixas sul-americanas ao momento da invasão européia, as comunidades indígenas mantiveram quase incólumes as suas configurações culturais básicas tradicionalmente desenhadas. Entretanto, será na era da investida conquistadora européia ao continente sul-americano que o marco de uma efetiva influência mais depredatória se fará presente na história Guarani (e de tantos outros grupos indígenas) no sentido territorial e sócio-cultural.

A cada apropriação indevida realizada pelos não-índios naquelas terras de *habitats* indígenas um pouco da cosmologia do grupo era desmantelada. Isto porque suas áreas de convivência invadidas não eram (e não são ainda hoje) vistas como bens de propriedade individual exclusiva pelos índios, mas consideradas parte comunitária integrante nas vidas de cada sujeito atual e/ou do passado. Como alegaria Ramos: “Para as sociedades indígenas a terra é muito mais do que simples meio de subsistência... representa o suporte da vida social e está diretamente ligada ao sistema de crenças e conhecimento...”. Segundo ela “... Não é apenas um recurso natural – e tão importante quanto este – um recurso sociocultural.” (RAMOS, 1988, p.13).

A inter-relação cosmológica com a gleba de convivência indígena ainda é reforçada pela mítica crença de busca do paraíso terrestre que sempre foi alimentado pelas diversas tribos Tupi-Guarani. Esta parece ser a principal motivação das empreitadas migratórias dos indígenas. Escalonam áreas de vivência conforme as necessidades e determinação do pajé, seu orientador místico – estado este sob inferência das entidades celestiais. Destarte, o índio não se vincula apenas a uma região determinada, mas a uma rede de lugares em que perambula durante sua jornada e que considere importantes para a relação a ser estabelecida entre ele e o mundo ultra-terreno.

Entretanto, o colonizador europeu, em sua gana de expansão territorial, a toda essa contextualização cosmológica da vida indígena ignorou. Em 1537, os missionários católicos espanhóis já buscavam almas “primitivas” pan-americanas a redimir, enquanto os seus soldados visavam glórias e riquezas. Segundo o padre Clóvis Lugon, anos antes (1516) já “Os exploradores espanhóis penetraram no Paraguai, a pátria dos guaranis...” (LUGON, 1977, p. 21). O autor anuiria assim que



A raça guarani não ocupava somente o Paraguai, mas toda a área compreendida entre os confins do Equador e o Rio da Prata, quase todo o Brasil, onde foi dizimada pelos portugueses, e ainda o Uruguai e as províncias de Corrientes e Entre-Rios, na Argentina. (idem, 1977, p. 22).

Os militares tanto espanhóis quanto portugueses, sequiosos por enriquecimento rápido por meio das primícias naturais da terra, formavam batalhões de índios capturados para trabalhos forçados (*encomiendas* ou *descimentos*), o que fez com que os nativos Tupi-Guarani buscassem como opção de refúgio as reduções jesuíticas.

No sul do Brasil algumas dessas instituições também foram fundeadas. Todavia, ali os indígenas estiveram não apenas sob sua proteção física, mas sofreram à margem desse acolhimento o alcance religioso-ideacional dos padres.

Pode-se observar dessa premissa de desmantelo cultural (com intento de desmobilização e descaracterização do grupo indígena como uma facilitadora do desejado domínio sobre ele) por, além das tentativas de conversão religiosa, criar-se diversas estratégias de fomento a sua ruína. Consideramos que, dentro de uma missão jesuítica, a presença do índio não se dava apenas pela existência de uma só nação; na verdade, o europeu impunha o convívio simultâneo de diversas etnias indígenas em um mesmo local.

As oficinas instaladas nas missões também eram promovedoras do incentivo sacerdotal na mudança material/ideacional dos construtos Guarani. Haja vista que isso se deu com a peça cerâmica ao buscarem (os padres) a aceitação aborígine de novas técnicas construtivas e decorativas que não debatessem com a cristandade com seus motivos plásticos considerados “pagãos”. Perceber-se-ia pelo levantamento histórico de Clóvis Lugon, que as técnicas de manipulação dos objetos cerâmicos Guarani até então diretamente manuais, vão sendo induzidas pelos missionários a serem trocadas por artificios maquinários de construção como o torno (LUGON, 1977).

La Salvia e Brochado, quando analisam as feitorias cerâmicas do grupo Guarani históricos daquele momento, também observam haver uma modificação estética nos vasos e em seus recipientes, aos quais atribuem serem elas derivadas da situação catequética, onde parte dos nativos já haviam sucumbido. Quem sobreviva tentava



assimilar os novos padrões impostos pelo europeu (LA SALVIA e BROCHADO, 1989).

Alertam-nos que, mesmo mantendo uma morfologia e pintura nos vasilhames muito próximas àquelas Proto-Guarani, a flexibilidade com a feitoria cerâmica européia demonstrada em seus trabalhos após o trato com estes seria óbvia, pois com o uso do torno era comum perceber-se elementos constitutivos da peça estranhos a sua tradição. Por exemplo, “As vasilhas espanholas muitas vezes têm base plana, o que jamais acontece nas vasilhas Guarani, a não ser quando produzidas por influência européia ou para uso dos europeus...” (idem, 1989, p. 121). Entretanto, antes do contato, as bases dos vasos paleo-índigenas eram apresentadas com forma arredondada e não plana. Essa explanação é derivada da observação dos pesquisadores feita a partir do dicionário espanhol-guarani e guarani-espanhol confeccionado pelo Padre Antônio Ruiz de Montoya, contemporâneo desses índios no século XVII. O objetivo dessa obra era, comparativamente, relacionar os objetos dos conquistadores com aqueles de uso índio e com o qual mantivessem certa conexão funcional-estética. “... Assim, por comparação, uma vasilha descrita pelo vocabulário guarani *yapepó* seria a *olla* espanhola, que corresponde em português à panela...” (ibidem, 1989, pp. 121-122).

Além do *yapepó* (um correlato a panela) todos os demais instrumentos contenedores eram designados na língua Guarani por *cambuchí*. Montoya traduziu e desmembrou essa nomenclatura única em diferentes outros termos, dependentemente da forma e função do recipiente por ele observado. Ademais, nos revela uma curiosidade corroborada pelos estudiosos quando cataloga aquilo que nomeia por “talhão”: um dado que confirma a influência “branca” sobre os construtos indígenas. O talhão relatado na sua averiguação envolve os grandes vasos cerâmicos (cântaros, jarras e talhas). Referindo-se especificamente a ele, declaram que a talha não possuía bico nem asas laterais, a jarra já os tinha a ambos e o jarro somente as asas em sentido opostos entre si. Entretanto, a cerâmica Guarani pré-colombiana nunca apresentara estas características agora vistas (ibidem, 1989).

Suscitar-nos-iam assim à idéia de que os trabalhos Guarani sofreram influência material e ideológica dos não-índios pela necessidade não mais de sobrevivência mediante o meio ambiente natural (e sobrenatural) e nem mesmo pelas cooptações



realizadas junto a outros grupos indígenas. Os elementos cerâmicos a partir daí elaborados não responderiam a necessidade exclusiva de uso prático diário ou de celebrações ritualísticas. Seriam resultados híbridos de tentativas em viver adequadamente no novo mundo que lhes fora imposto à força pelo outro, o colonizador.

1.4 Os Guarani e a contemporaneidade.

Especula-se que os atuais Guarani presentes (inclusive no Brasil) não sejam descendente diretos dos antigos índios Tupi-Guarani que permaneceram nas zonas urbanas, mas daqueles fugidos ao interior das matas pan-americanas após a expulsão dos jesuítas das colônias.

Os elementos aborígenes que nas cidades coloniais se mantiveram, sendo estranhos ao europeu, só com o tempo foram progressivamente assimilados como trabalhadores assalariados, miscigenando-se e perdendo os caracteres mais potentes da sua cultura. A situação de agenciamento na desvalorização das obras indígenas fomentado pelos europeus (dentre as quais a sua cerâmica tradicional) fez com que, paulatinamente, a visão do próprio índio sobre suas habituais construções viesse a perder o vigor como um elemento de reconhecimento de sua identidade individual, assim como também de ser uma de suas insígnias coletiva. Substituíram-se os seus costumes pelas facilidades da vida dinâmica da turba cidadina, por seus aparelhamentos tecnológicos, por sua feição mais “adiantada”. Nesses sujeitos, os próprios Guaranis contemporâneos não se reconhecem, apontando o primeiro grupo como aqueles aos quais devem a sobrevivência de sua etnia.

Contudo, nos últimos duzentos anos a leva migratória Guarani rumo ao leste foi reassumida. Sobreviventes de uma era conturbada, contrária as suas tradições, os subgrupos Nandéva, Mbuá e Kayová têm deixado suas áreas de refúgio nas florestas subtropicais dos meridianos sul-americanos, aproximando-se da costa atlântica. O Brasil, inclusive, tem recebido os Guarani desde essa época quando, ainda no século XIX, a jovem geração do subgrupo Nandéva dirigiu-se pela primeira vez até aqui. Mas só foi uma centena de anos depois que os novos participantes Mbuá chegaram ao nosso país. É evidenciando esse fato que o Professor-Doutor em Educação Paulo Humberto



Porto Borges descreve a tomada Guarani de seu primeiro caminho pelo território sul brasileiro e donde tais nativos seguiriam rumo ao sudeste. Portanto, nesta oportunidade os Guarani teriam chegado no sudeste brasileiro no século XIX. Em 1835, oriundos do Paraguai, vieram os Nandéva para São Paulo e nos século seguinte, os Mbuá (BORGES, 2000, pp. 34-36).

Aproximando-se de nosso tempo, pelo relato do arqueólogo Egon Schaden admitir-se-ia que desde a década de 40 do século XX a migração do subgrupo Mbuá do Paraguai para o Brasil intensificava-se — principalmente no Estado de São Paulo. Por uma observação feita mais recentemente ainda — em depoimento colhido pela fotógrafa Rosa Jandira Gauditano — o cacique Werá Popygua Timóteo da Silva Guarani alegaria que uma das motivações dos índios para que fosse investido esse fluxo humano em direção a tal região era a de que o “homem branco” tomara suas terras para si, dividindo-as em Estados Nacionais, expulsando-os de seus tradicionais redutos de habitação (GAUDITANO, 2006).

1.5 Cerâmica Guarani hoje.

Schaden admitiria ainda que, a impetração de novos padrões de percepção e vivência dentro dos grupos Guarani procedentes do contato com a população nacional provocou o paulatino desuso de certos costumes. Ter acesso ao dinheiro e aos seus novos benefícios parece ter feito com que as tradições Guarani não se perdessem de modo imediato, mas fossem sendo consumidas pelo ostracismo com o tempo. Dentre alguns eventos assim listados, a tradição cerâmica (enquanto utilitária) foi um dos elementos materiais mais abalados, pois que os aparelhos de cozinha em metal comprados nas cidades traziam mais conforto e rapidez no preparo alimentar (SCHADEN, 1974).

Por motivos, portanto práticos – mas com base de ocorrência em questões de aquisição de novos bens segundo os parâmetros econômicos impostos –, os Guarani foram, aos poucos, abdicando no uso dos sistemas elaborativos dos construtos telúricos. E isso não se referia exclusivamente no condizente a importância dada por eles na sua apreensão de necessidade apenas enquanto objeto, mas também – e fato de mais grave



ocorrência – quanto a sua necessidade de simbolização imprescindível como signo de uma comunidade tradicional. Exemplo é que, mesmo nos enterramentos (em que o elo entre o homem e a terra era mantido costumeiramente pelo ataúde da urna de barro em que o corpo descansaria), desgastaram-se os hábitos conforme estes foram sendo ignorados e trocados por outros instrumentos intrusivos facilitadores, não tendo mais constância e serventia em serem aplicados *para e no* seio tribal Guarani. “Outrora teria sido comum entre os Guarani o enterro em urna de barro. Na atualidade não existe essa prática funerária em nenhuma das aldeias que pude visitar...”. Tristemente, o estudioso admite que “... Se existiu, o seu desaparecimento se liga, por certo, a introdução de vasilhames de ferro, responsável pelo declínio da cerâmica, de que hoje em dia não subsistem senão insignificantes vestígios.” (idem, 1974, p. 132).

Hoje, assim como observou Schaden a respeito do desaparecimento dos enterramentos feitos em urnas de barro, não é encontrado nenhum trabalho cerâmico que venha sendo realizado nos trâmites tradicionalmente feitos em aldeias. Talvez até mesmo porque, na ânsia em ter dinheiro, o indígena contemporâneo considere muito bem os diversos fatores temporais antes de tentar empreender uma ação no sentido do fabrico de material cerâmico. Afinal, fazer cerâmica não é um processo rápido. Leva tempo para ultrapassar os seus diversos estágios de elaboração. Estes vão desde a procura e coleta inicial de uma argila que tenha boa qualidade, com posterior etapa de preparação do barro para a modelagem, e o próprio momento relativo à construção do objeto, além daquele dedicado a sua secagem. Isso sem relacionar também o tempo despendido na busca e no recolhimento de combustível para a queima, se acaso esta ocorrer com algum artifício ignígeo que não a secagem direta ao Sol (qualquer tipo de forno ou fogueira). Fica mais fácil, portanto para o intuito de venda dos artesanatos, criar objetos em outros materiais tais como as cestarias em fibras vegetais.

2) Conclusão.

Tenha sido (no passado e no presente) o desgaste e a perda cultural dos indígenas incentivada pela repressão religiosa, política e/ou ideacional contra suas crenças e hábitos; tenha sido as novas motivações decorrentes da vida em meio citadino



– e o contato com novos utensílios facilitadores às práticas da lida cotidiana –; ou tenha sido ela tomada pela falta de recursos naturais que garantissem a continuidade material dos caracteres daqueles escondidos nas florestas, o fato é que o afã cosmológico da necessidade de auto-representação, bem como e a de seu coletivo, aos poucos parece deixar de existir para os Guarani como algo primordial às suas vidas. Os ensinamentos nas histórias tradicionais de *porque* fazer algo de certa forma e de *como* e *para quê* fazê-lo – há séculos expostos de modo inter-geracional – vão perdendo sua vitalidade e deixando de ocorrer. Automaticamente, boa parte das construções tangíveis, como é o caso do objeto cerâmico (pela ausência de prática nas suas incentivadoras ideacionais de identidade), também vão sendo postas de lado.

Porém, reconhece-se que, como marco de uma tradição cultural, é preciso buscar incentivar a retomada desses índios nas realizações dessas obras telúricas de outrora, carregadas de tanto garbo e excelência simbólica. Sendo necessário que se tente revitalizar as manifestações terrosas de hoje, visa-se incitar a auto-estima desse povo e não os conceitos que dão base as suas crenças e tradições – porque estes boa parte dos Guarani ainda os têm. Promover a lembrança (ou mesmo o conhecimento inicial de alguns) sobre as tradições de construção e decoração plásticas realizadas por seus antepassados na cerâmica é um meio pelo qual se imagina neles fazer insurgir uma revitalização daquilo que se pensaria já estar perdido. Assim, poder-se-ia reflorescer uma atividade que sempre foi de suma importância na comunidade indígena, não apenas como ação utilitarista, mas também como comunicação relacional efetiva entre os seres, fossem eles humanos ou ultra-humanos.

O objetivo em tentar reativar essa prática de construção cerâmica é, portanto fazer com que cada componente da gleba íncola perceba a importância de manter uma de suas formas mais tradicionais de expressão e que tanto demonstraria da sua identidade como Guarani.

3) Referências bibliográficas.

Aldeias Guarani-Mbyá na cidade de São Paulo (Projeto Rosa Gauditano; tradução e revisão para o inglês Douglas Victor Smith; revisão de textos em guarani Márcio Vera



Miri Guarani e Nelson Karai Jeguaka Gonçalves Vilharve Guarani). São Paulo: Studio RG: Associação Guarani Tenonde Porã, 2006.

BORGES, Paulo Humberto Porto. *Ymá, ano mil e quinhentos: relatos e memórias indígenas sobre a conquista*. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras; Paraná: Unipar, 2000.

LA SALVIA, Fernando e BROCHADO, José Proenza. *Cerâmica Guarani*. Porto Alegre: Posenato Arte e Cultura, 1989.

LUGON, Clóvis. *A República comunista cristã dos Guarani: 1610/1768*. 3ª ed. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

MENTZ RIBEIRO, Pedro Augusto. *A tradição ceramista Tupiguarani no sul do Brasil*. In: PROUS, André e ANDRADE LIMA, Tânia (org.). *Os ceramistas Tupiguarani*. Belo Horizonte: Sigma, 2008.

PROUS, André. *A arte pré-histórica do Brasil*. Belo Horizonte: C/Arte, 2007.

_____. *Arqueologia brasileira*. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 1992.

RAMOS, Alcida Rita. *Sociedades Indígenas*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1988.

SCHADEN, Egon. *Aspectos fundamentais da cultura Guarani*. 3ª ed. São Paulo: EPU, USP Ed., 1974.